

# **Ciclo *Recém-nascidos*: A experiência pessoal e a memória enquanto construção e categoria dramatúrgica**

BRUNO SCHIAPPA

Título: Coleção de Amantes. Conceito e direção: Raquel André. Criação e espaço cénico: Bernardo de Almeida, Raquel André. Colaboração artística: António Pedro Lopes. Música: NOISERV. Desenho de luz: Rui Monteiro. Sonoplastia: Tiago Martins. Produção: Raquel André, Teatro Nacional D. Maria II e Tempo\_Festival das Artes. Local e data de estreia: Sala Estúdio do Teatro Nacional D. Maria II, 11 de setembro de 2015.

Título: II – A Mentira. Texto e encenação: João Pedro Mamede (a partir da trilogia romanesca de Agota Kristof Trilogia da Cidade de K). Interpretação: Ana Amaral, André Pardal, Catarina Rôlo Salgueiro, Francis Seleck, João Pedro Mamede, João Vicente, Marco Mendonça, Maria Jorge, Nuno Gonçalo Rodrigues, Teresa Coutinho. Cenografia: Ângela Rocha. Figurinos: Gonçalo Quirino. Luz: Francis Seleck. Música original: Daniel Carvalho. Produção: Os Possessos e Artistas Unidos. Local e data de estreia: Sala Estúdio do Teatro Nacional D. Maria II, 25 de setembro de 2015.

Título: Panorama. Criação coletiva: Ana Sampaio, Cátia Tomé, Ivo Silva, João Leitão, Ricardo Teixeira. Artista convidado: Rui Palma. Desenho de luz: Sara Garrinhas. Adereços: João Silva. Apoio à cenografia: José Capela. Apoio ao movimento: Sónia Batista. Apoio aos figurinos: Marta Passadeiras. Produção: SillySeason. Local e data de estreia: Sala Estúdio do Teatro Nacional D. Maria II, 2 de outubro de 2015.

Título: Primeira Infância: Um Fabulário. Conceito, direção e interpretação: Ana Gil, Maria Rita Moura, Nuno Leão. Cenografia e adereços: Ana Gil, Nuno Mega, AKA DirtyCop. Figurinos: Joana Carvalho. Desenho de luz: Bruno Santos. Desenho de som: Nuno Leão. Produção: Terceira Pessoa Associação. Local e data de estreia: Sala Estúdio do Teatro Nacional D. Maria II, 9 de outubro de 2015.

Um ciclo, qualquer que seja o fórum que encerra, pressupõe sempre uma ligação temática ou uma transversalidade de forma e/ou conteúdo. O ciclo *Recém-nascidos* da primeira temporada programada pela nova direção do Teatro Nacional D. Maria II não obedece de modo evidente aos requisitos acima assinalados. Os quatro espetáculos aparentemente não oferecem ao espectador nada que os una ou relacione. Ocorre, no entanto, algo de

discretamente transversal ao quarteto em análise: todos eles apresentam a experiência pessoal e/ou a memória enquanto construção, seleção e produto.

Se, numa primeira instância, podemos considerar os espetáculos totalmente distintos – que o são – uns dos outros, pela forma e condução narrativa (ou seja, pelo discurso), se estivermos atentos à essência de cada experiência re/apresentada em cada um dos espetáculos, não podemos ficar impermeáveis quanto ao «espectro» que os liga.

O ciclo foi iniciado por *Coleção de Amantes*, de Raquel André. Durante cerca de sessenta minutos, num formato de conferência, Raquel André vai exibindo fotografias selecionadas a partir das muitas que tirou nos setenta e três encontros em que visitou apartamentos de desconhecidos e nos quais encenou momentos de intimidade com os mesmos.

O espetáculo pode ser dividido em duas partes distintas. A primeira tem o formato de uma conferência em que Raquel André apresenta uma comunicação durante a qual vai referindo os números estatísticos que resultaram de vários temas convocados nos encontros como, por exemplo, a comida, o mundo, os prazeres pessoais, os gostos, os amores, etc. A comunicação tem como suporte, tal como nas conferências científicas, várias fotografias selecionadas que são projetadas numa tela. A segunda parte do espetáculo, apesar de não haver interrupção, apresenta uma alteração cénica. O resultado da «comunicação» não é concludente e, de repente, passamos para um laboratório de fotografia no momento em que a *performer* conversa mais intimamente com o público, descrevendo em que condições algumas das fotografias foram tiradas. Confirmamos que, tal como «na vida», também nas encenações os resultados são quase todos tão diferentes quanto o número de pessoas ou cobaias usadas na experiência. Desta criação, talvez a mais equilibrada das quatro que integram o ciclo *Recém-Nascidos*, por se ater ao essencial, ficamos com a impressão de que a experiência pessoal é uma construção e que o que dela resulta enquanto memória é fruto de uma seleção feita com base num referencial de eleição.

No segundo espetáculo, *II – A Mentira*, uma criação da jovem companhia de teatro Os Possessos, da autoria e encenação de João Pedro Mamede a partir da leitura da *Trilogia da Cidade de K*, de Agota Kristof, a questão da memória e da construção pessoal passa para o território da «ficção», ou seja, da(s) personagem/ns. Dito de outro modo: se a experiência pessoal é construção,



COLEÇÃO DE AMANTES, DE RAQUEL ANDRÉ, 2015 (RAQUEL ANDRÉ), [F] FILIPE FERREIRA



COLEÇÃO DE AMANTES, DE RAQUEL ANDRÉ, 2015 (RAQUEL ANDRÉ), [F] FILIPE FERREIRA



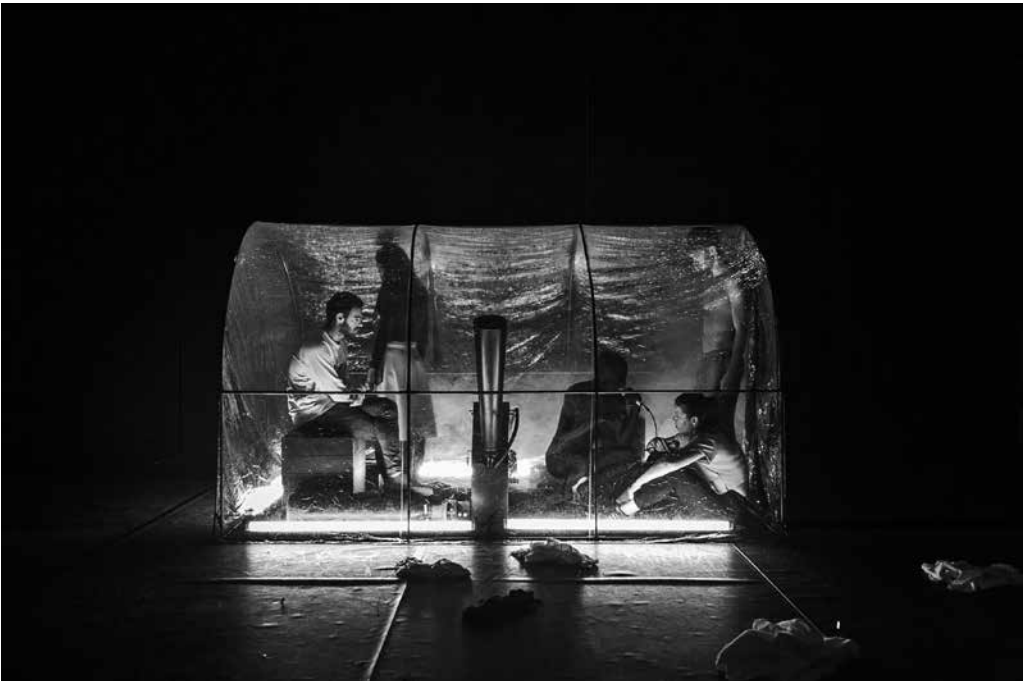
II - A MENTIRA, TEXTO E ENC. JOÃO PEDRO MAMEDE (A PARTIR DE AGOTA KRISTOF), OS POSSESSOS, 2015 (JOÃO VICENTE E JOÃO PEDRO MAMEDE), [F] FILIPE FERREIRA



II - A MENTIRA, TEXTO E ENC. JOÃO PEDRO MAMEDE (A PARTIR DE AGOTA KRISTOF), OS POSSESSOS, 2015 (MARCO MENDONÇA, FRANCIS SELECK, JOÃO PEDRO MAMEDE, MARIA JORGE, ANDRÉ PARDAL E CATARINA ROLO SALGUEIRO), [F] FILIPE FERREIRA



PANORAMA, CRIAÇÃO COLETIVA, SILLY SEASON, 2015 (CÁTIA TOMÉ), [F] FILIPE FERREIRA



PANORAMA, CRIAÇÃO COLETIVA, SILLY SEASON, 2015 (IVO SILVA, CÁTIA TOMÉ, RICARDO TEIXEIRA E ANA SAMPAIO), [F] FILIPE FERREIRA

a autocriação<sup>1</sup> de uma personagem num espaço de/para teatro é possível no momento em que esta se desloca do autor e se assume como autoridade. Para além da inclusão de metateatro (há várias referências aos procedimentos teatrais sobretudo no que diz respeito ao texto que serve um espetáculo), figura neste espetáculo uma tentativa de transpor a criatividade do campo da arte imaterial e invisível para o campo da autonomia seletiva e concreta, ou seja, a narrativa refere sucessivamente os modos como as personagens são criadas, indo ao ponto de sugerir a definição da personalidade de uma personagem pela própria. Como se aquela tivesse a possibilidade de definir como é, quem é e como age.

Com um elenco bastante virtuoso, com especial destaque para João Vicente, que apresenta, entre outros atributos, uma fisicalidade «olímpica», Os Possessos apresentam uma elaboração mais complexa do ponto de vista da encenação, conseguindo um grande equilíbrio e rigor cénico na figuração de Lucas e Claus, dois irmãos que são uma construção um do outro. De resto, as outras personagens só existem enquanto um dos irmãos o permitir.

Inesperadamente, a grande fragilidade surge no terceiro espetáculo do ciclo. *Panorama*, pela mão da companhia SillySeason, anunciava uma visão ou exibição (*orama*) total ou de um todo (*pan*), o que gerou grandes expectativas. O programa referia que iriam ser confrontadas no espetáculo as grandes conquistas históricas e científicas *versus* as derrotas humanas – quer coletivas quer individuais – provocadas pelas perdas financeiras e de bens materiais. Mas o resultado apresentado não foi bem doseado.

O espetáculo inicia-se sem cortina e é feita referência aos tempos em que «havia sempre cortina no teatro». O elenco é muito – demasiado – heterogéneo no uso das ferramentas, que se apresentam como coletivas sem que o domínio das mesmas esteja ao mesmo nível entre os *performers*. Entre os vários momentos em que o uso de muitos *media* se apresenta como desequilibrado e desnecessário, o que resulta é uma cacofonia. Os momentos da narrativa têm pouca ligação entre si e não são aprofundados.

A companhia teve uma boa ideia, mas rendeu-se aos encantos medúseos de querer dizer tudo por todos os *media*, cujo resultado é *flat* (para usar uma metáfora do surfe). Apesar da fragilidade, sobretudo devido à articulação precária entre os vários momentos que compõem o espectáculo, a SillySeason tem mérito de temática. Só não conseguiu selecionar e separar o que devia

1 Lucas é uma personagem que se criou a si própria.

integrar o espetáculo daquilo que, por ser excessivo, não devia ter sido integrado, pois resultou em ruído. Tal seleção teria tido um resultado mais significativo. Afinal, a ideia é apresentar a Memória e a experiência pessoal enquanto construção, o que implica seleção.

O ciclo terminou com a apresentação de *Primeira Infância: Um Fabulário*, um espetáculo da companhia Terceira Pessoa. Tal como o título indica, apresenta a primeira infância como um espaço mental de construção de referencial e a partir do qual se pode construir o futuro tendo como matéria o passado e o presente. Entre os quatro espetáculos que integram o ciclo, este é o que apresenta a ideia mais concreta de que tudo é construção e que a fabulação/efabulação é o árbitro que nos dirige. Toda a utilização dos *media* é muito cuidada e a articulação entre a criança/ /personagem Maria Rita e o seu casal de peluches – Ana Gil e Nuno Leão, muito subtis e empáticos – é feita de modo concordante com a dramaturgia proposta: a criança e o seu imaginário enquanto poema (*poiesis*: construção; produção).

Maria Rita divaga entre o que lhe é mais próximo da idade e os temas de preocupação social, utilizando construções de ideias que projetam em nós (pelo menos em mim projetaram) a inquietação que nos é movida por um futuro que afinal poderá não ser tão incerto assim. As várias cenas são ligadas pelo casal de peluche que assume comportamentos humanizados e ajuda a «criança-poema» na sua efabulação. Mas até que ponto essa mesma criança deixa de o ser em palco, naquele palco, para passar a ser uma *persona*?

Durante o espetáculo, Maria Rita vai relatando as suas criações, teses, ideias e projeta-as no seu presente e num hipotético futuro em que será avó. Para esse futuro, Maria Rita grava um vídeo para a sua eventual neta ver quando tiver a mesma idade (no futuro) que a «criança-poema» tem no presente.

O público da estreia reagia a todas as questões insólitas para uma criança na generalidade. Claro que a Maria Rita criança, ao ser a Maria Rita poema, estava a ser, funcionalmente, a Maria Rita atriz. Mas todo o jogo fascinante da interpretação ficou submerso para o público, que ficou mais preso aos dotes intelectuais dela do que aos tempos e ritmos de uma atriz.

O ciclo foi irregular, é certo. Talvez o que tenha faltado tenha sido um maior questionar das eventuais divergências e/ou convergências entre a construção para teatro e a construção para «a vida». Também os espetáculos não apresentaram a mesma qualidade profissional no seu conjunto. Mas talvez não residisse nessa condição o mais importante.



PRIMEIRA INFÂNCIA: UM FABULÁRIO, DE ANA GIL, MARIA RITA MOURA E NUNO LEÃO, TERCEIRA PESSOA, 2015, (MARIA RITA MOURA) [F] FILIPE FERREIRA



PRIMEIRA INFÂNCIA: UM FABULÁRIO, DE ANA GIL, MARIA RITA MOURA E NUNO LEÃO, TERCEIRA PESSOA, 2015 (MARIA RITA MOURA), [F] FILIPE FERREIRA